

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

CAROLINA ROMANI DE OLIVEIRA GALVÃO

**A SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL PELA
PERSPECTIVA DOS EDUCADORES**

SÃO PAULO

2014

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

CAROLINA ROMANI DE OLIVEIRA GALVÃO

**A SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL PELA
PERSPECTIVA DOS EDUCADORES**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Faculdade de Educação, curso de Pedagogia, como exigência parcial para obtenção do diploma de Pedagogo, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Darcy Raiça

SÃO PAULO

2014

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – CURSO DE PEDAGOGIA**

CAROLINA ROMANI DE OLIVEIRA GALVÃO

**A SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL PELA PERSPECTIVA DOS
EDUCADORES**

BANCA EXAMINADORA

Presidente e orientadora: Prof^a. Dr^aa. _____

1º Examinador: Prof. Dr. _____

2º Examinador: Prof. Dr. _____

São Paulo, de de 2014

**SÃO PAULO
2014**

Dedico este trabalho:

Aos meus Pais. Cheguei até aqui em decorrência dos seus inestimáveis esforços em moldar o meu caráter. Vocês sempre serão um exemplo.

Ao Felipe. Obrigado pelo apoio, compreensão e por permitir que eu viva a seu lado.

A todos aqueles, familiares e amigos, sem os quais a vida não seria tão prazerosa. O meu especial carinho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço o inestimável auxílio e paciência da professora Darcy Raica, sem a qual não teria sequer finalizado este TCC.

Agradeço a todos os familiares e amigos que por meio da força e apoio me ajudaram para esta realização.

*“O homem não é nada além
daquilo que a educação faz dele.”*

Immanuel Kant

RESUMO

GALVÃO, C. **A sexualidade na Educação Infantil pela perspectiva dos educadores.** 2014. 30 f. Trabalho de Conclusão de Curso da Faculdade de Educação, Curso de Pedagogia, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP 2014.

Pretende-se, por meio do presente trabalho de Conclusão de Curso, refletir sobre o tema sexualidade sob o ponto de vista do educador, dado que este tema está cada vez mais latente e necessário para a educação. Para tanto, com base na bibliografia vigente, será estabelecida a contextualização do tema. Posteriormente, para obtenção de dados, foi feita a aplicação de uma pesquisa com três educadoras. Feito isso, as respostas das professoras serão examinadas de forma descritiva sendo apresentadas por meio de “frases” ditas por elas. Examinadas as respostas das educadoras, será feita uma análise com a finalidade de discutir a preparação dos educadores frente à situações de sexualidade infantil.

PALAVRAS CHAVE:

Sexualidade; Educador; aluno; pedagogia; escola

ABSTRACT

It is intended, with this work, to reflect on the theme sexuality from the point of view of the educator, since this topic is increasingly latent and needed for educational perspectives. Therefore, based on the current literature, to the contextualization of this theme will be established. Subsequently, to obtain data, the application of a survey has been made with three educators. Then, the responses of teachers have been examined descriptively being presented through "phrases" stated by them. Examined the responses of teachers, an analysis has been made with the purpose to discuss the preparation of educators across the situations involving sexuality.

KEYWORDS:

Sexuality; teacher; student; pedagogy; school.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1: A SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
1.1 O DESENVOLVIMENTO DA SEXUALIDADE.....	12
1.2 PRECONCEITOS E TABUS SOBRE O TEMA SEXUALIDADE.....	13
1.3 O BRINCAR E A SEXUALIDADE.....	14
1.4 A INTERRELAÇÃO DA FAMÍLIA E ESCOLA NO PROCESSO DE ORIENTAÇÃO SEXUAL.....	15
CAPÍTULO 2: OS PCNs E ORIENTAÇÃO SEXUAL	
2.1 SEXUALIDADE COMO TEMA TRANSVERSAL.....	18
2.2 NOVAS ABORDAGENS PEDAGÓGICAS SOBRE A SEXUALIDADE.....	19
CAPÍTULO 3: PESQUISA E ANÁLISE DESCRITIVA	
3.1 METODOLOGIA.....	21
3.2 ANÁLISE DESCRITIVA DAS RESPOSTAS.....	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
APÊNDICE.....	25
BIBLIOGRAFIA.....	31

Introdução

O trabalho com crianças na educação infantil deve ter sempre como princípio a busca pelo conhecimento de seus interesses e de suas necessidades, sendo assim, é preciso conhecer os alunos na sua singularidade, ou seja, sua personalidade, desenvolvimento, suas histórias, e suas famílias.

Segundo os autores Nilza Aparecida Forest e Silvio Luiz Weiss, a escola de educação infantil, ao longo de sua história, sempre foi voltada para o assistencialismo, o que permanece de certa forma até os dias de hoje. Havia uma divisão de trabalho onde as monitoras cuidavam e as professoras educavam. Contudo, é necessário mudar essa visão, pois estudar na educação infantil, primeira etapa da educação básica, é um direito da criança e, por isso ele deve ser acolhedor e pedagógico, e não somente assistencialista.

É importante refletir sobre a relação entre o cuidar e o educar, e também os seus significados. Os mesmos autores enfatizam em seu texto que o cuidar e educar significa compreender o espaço/tempo em que a criança vive para proporcionar ambientes que estimulem a curiosidade com consciência.

Para tanto, segundo os autores Forest e Weiss, é necessário que os professores tenham uma formação inicial sólida e consistente, acompanhada de uma permanente atualização em serviço. A criança precisa de um direcionamento/acompanhamento para se tornar um ser social e ativo.

Neste contexto, falar sobre a sexualidade para as crianças deve romper os tabus tão arraigados na nossa prática pedagógica e avançar no que concerne ao aumento de informações de modo a formar cidadãos conscientes.

Esteves (2000) diz que a escola tem a obrigação de preparar os professores principalmente de educação infantil, para uma melhor postura diante da situação que envolva a sexualidade, assim, esclarece as dúvidas sem causar a erotização precoce.

Ainda, para Guimarães (1995):

Os educadores reconheceram que a educação sexual deve ser um processo contínuo ao longo da vida, e que a criança deve começar a recebê-la na escola o quanto antes [...]. (Eles percebem como objetivo da educação sexual, “aumentar informações”, “ajudar a descontrair”...) “quebrar tabus”, lidar melhor com a sexualidade na experiência própria e com os outros.

Diante do exposto, o objetivo desse trabalho é entender como os docentes enxergam e lidam a questão da sexualidade no ambiente escolar. Com a finalidade de entender melhor como os educadores lidam diante de situações relacionadas à este tema, foi realizada a pesquisa com três professoras da Educação Infantil.

A organização deste trabalho se dará da seguinte maneira. O primeiro capítulo é composto pelo referencial teórico o qual subsidiou a presente pesquisa. Nele está presente uma breve exposição e contextualização do tema sexualidade, tais como a teoria do desenvolvimento da sexualidade produzida por Freud; preconceitos e tabus acerca do tema; a importância do brincar; papel do educador e da famílias.

O segundo capítulo trata sobre a maneira como os PCNs tratam e orientam a educação sexual, mostrando a importância deste assunto como um tema transversal que deve estar presente nas salas de aula.

No terceiro capítulo está descrita qual foi a metodologia utilizada no presente trabalho, onde fica explícito o modelo da entrevista aplicada bem como a forma como ela será analisada e trabalhada. Neste capítulo também será realizado a análise descritiva das respostas das professoras.

O último capítulo traz as considerações finais, procurando caracterizar as respostas das professoras de modo que seja possível identificar se realmente os professores estão aptos/capacitados a abordar o tema sexualidade com crianças.

Capítulo 1

A sexualidade na Educação Infantil

1.1 O desenvolvimento da sexualidade

A sexualidade é um tema relevante para a educação e formação do cidadão como um todo, já que se for abordada de forma clara possibilita aprendizagens muito importantes e necessárias. Nesse sentido, é importante instigar uma educação sexual esclarecedora e que dê significação aos alunos sobre esses assuntos de forma sistemática, simples e direta, como os PCNs fazem. Desse modo, uma educação emancipatória, com base psico-histórica-social, que busca superar o sexismo e tenta entender e questionar os estereótipos sexuais, é valorizada, em vez de uma educação tradicional baseada no preconceito de sexos, na transmissão dos papéis sexuais tradicionais e na compreensão das identidades sexuais como eternas, acabadas, supra-históricas e adequadas, como explicam Nunes e Silva (2006).

A teoria do desenvolvimento da sexualidade construída por Freud demonstra que a sexualidade está presente a vida inteira, desde o nascimento até a morte. Esta teoria possui várias fases, as quais irão compor a sexualidade da vida adulta.

A primeira fase (0 a 1 ano), quando somos bebês, é caracterizada pela vivência da fase oral, ou seja, a boca é a região do corpo na qual a criança mais sente prazer. O mundo é experimentado pela boca. O seio da mãe é o principal objeto de desejo do bebê.

Já a partir de um ano e meio e dois anos, vivemos a fase anal. As experiências da fase anal são as primeiras possibilidades de controle sobre si mesma, já que daí decorrem produtos que a criança pode identificar como sendo seu (xixi e coco – controle dos esfíncteres).

Por volta dos três anos, surge a fase fálica. É nessa fase que as crianças são capazes de manifestar sua curiosidade sexual (etapa dos por quês). É ainda nessa etapa que o menino vivenciará o que Freud denominou como complexo de Édipo (no qual o menino passa a apresentar uma atração pela mãe). Além disso,

nessa fase é natural que a criança obtenha contentamento ao brincar com o corpo e descobrir sensações agradáveis ao tocar nos órgãos genitais.

Já aos quatro anos, ainda segundo Freud, a criança normalmente possui consciência de ser “homem ou mulher”. Esta é a idade da infância que apresenta o auge da indagação, elas se tornam interessadas em falar sobre: Deus, morte e sexo.

Quando a criança atinge os cinco anos, por meio de seu vocabulário mais amplo, ela já faz frases mais concretas e complexas, além de conseguir expressar melhor suas dúvidas. Assim como nas outras fases, nesta ela continua tendo dúvidas sobre sexo e sobre a vida em geral, no entanto dessa vez as perguntas são mais articuladas e complexas.

Entre as idades aproximadas de 6 a 9 anos, há um período bastante questionado chamado de latência. Freud explica que a latência é um período em que as energias libidinais (aquilo que provoca prazer) são mitigadas em função do aprender e de saber. Nesta fase a criança já possui suas próprias teorias sobre questões ligadas à sexualidade, porém ainda se faz importante responder somente aquilo que foi perguntado.

A última fase sexual estabelecida por Freud é a partir dos nove anos, a qual é nomeada como fase genital. É aí que se inicia a puberdade e a adolescência, as quais são marcadas por mudanças hormonais e transformações emocionais e sociais.

1.2 Preconceitos e tabus sobre tema sexualidade

Apesar de toda a contribuição de Freud já descrita, o tema sexualidade ainda é vítima de alguns preconceitos e tabus que dificultam a discussão e o desenvolver desse assunto como reflexo de uma sociedade conservadora e tradicional em que vivemos, como aborda Maria Cecília Pereira da Silva (2007).

Para Camargo e Ribeiro (1999) não é fácil falar sobre sexualidade com as crianças, visto que o tema carrega em si preconceitos e tabus pelos profissionais

da educação. Por isso, a escola e a família acabam evitando o tema, ou tratam de maneira inadequada.

Ainda, segundo Maria Cecília, antes mesmo de nascermos a sexualidade já está presente em nossas vidas. Por exemplo, a partir do momento que os pais descobrem que estão esperando um bebê inicia-se no imaginário dos dois a constituição daquele sujeito.

Ela ressalta também que quando nascemos é pelo corpo que sentimos o mundo: pela proximidade física e mental dos pais que o bebê cria uma sensação de segurança e amor. Este contato irá compor as primeiras sensações sensuais e será a base para o desenvolvimento da resposta erótica, da capacidade de construir vínculos amorosos, da sensação de bem estar e do desejo de aprender.

Portanto o desenvolvimento afetivo-sexual será resultado da combinação do componente biológico (inato do bebê) com o ambiente e o meio cultural.

Isto posto, Braga e Spirito (2010) defendem a urgência de se inserir, nas escolas e na formação de professores/as, estudos sobre o gênero e a educação sexual.

Os PCNs também trazem essa visão, delimitando que a “A escola deve informar e discutir os diferentes tabus, preconceitos, crenças e atitudes existentes na sociedade, buscando, se não uma isenção total, o que é impossível de se conseguir, uma condição de maior distanciamento pessoal por parte dos professores para empreender essa tarefa”. Os PCNs serão tratados com mais aprofundamento no capítulo 2.

1.3 O brincar e a sexualidade

A curiosidade sexual é um dos principais responsáveis pelo despertar da aprendizagem. E como a curiosidade sexual se expressa quando somos crianças?

Para Maria Cecília Pereira da Silva (2007):

Quando somos crianças, a curiosidade sexual se expressa por meio de perguntas e, principalmente, por meio de jogos e brincadeiras. A brincadeira sexual tem para a criança um sentido diferente daquele que é dado pelo adulto e é fundamental e sadia para o seu desenvolvimento emocional e intelectual.

A autora ainda completa dizendo que sem o brincar, algumas ideias e fantasias se tornariam insuportáveis, o que acarretaria um desequilíbrio grave para o ego da criança que ainda é muito frágil.

Ainda, para Winnicott (1975), o brincar é universal, uma forma básica de viver, e é somente no brincar que o indivíduo pode ser criativo. O referido autor nos diz que “viver criativamente constitui um estado saudável, e a submissão é uma base doentia para a vida”.

No entanto, é preciso ficar atento às brincadeiras muito repetitivas, pois algumas vezes elas nos revelam uma angústia excessiva da criança e podem resultar em consequências para a aprendizagem e para seu desenvolvimento geral.

Diante da curiosidade sexual da criança, é muito importante compreendermos a amplitude e o conteúdo da pergunta e devemos responder sempre, mesmo que seja para dizer que não sabemos.

1.4 A interrelação da família e escola no processo de orientação sexual da criança

Como já exposto, a curiosidade sexual é um dos principais responsáveis pelo despertar da aprendizagem, podendo ser expressa por meio de brincadeira ou perguntas. Diante da curiosidade sexual da criança, é muito importante compreendermos a amplitude e o conteúdo da pergunta e devemos responder sempre, mesmo que seja para dizer que não sabemos.

Por isso, de acordo com Nunes e Silva (2006) é importante que os educadores lidem com a sexualidade de seus alunos com equilíbrio e bom senso, para que as

crianças não sejam marcadas por ansiedade, insegurança, medo, repressão, ignorância e preconceito. Para que a Orientação Sexual aconteça no ambiente escolar, o diálogo e a explicação sincera, franca e aberta devem ser a base da intervenção pedagógica, procurando sempre entender e responder os questionamentos das crianças, como explica Silva (2007). A sexualidade e a aprendizagem se dão intersubjetivamente, e trabalhar com este tema acarreta também na construção de diversos conhecimentos.

Se para a criança, tanto a manifestação de sua sexualidade quanto sua curiosidade e fala são naturais e espontâneas, a capacitação do adulto nessa área é claramente necessária para que sua intervenção seja adequada. A atitude da família, dos educadores, suas reações diante da TV, com ou sem palavras, positivas ou negativas, já constituem educação ou deseducação sexual. (CAMARGO e RIBEIRO, 1999).

Para Nunes e Silva (2006) “a curiosidade não satisfeita vira ansiedade de saber e pode desencadear um comportamento que expressa uma ansiedade difusa, podendo evoluir para algum distúrbio na personalidade. É importante satisfazer a curiosidade da criança respeitando seus limites de entendimento e a especificidade da dúvida que ela apresenta. Não responder nada a mais nem a menos do que ela pergunta de maneira objetiva e muito sincera”

No entanto, faz-se necessário deixar claro que a escola deve desempenhar o papel de propiciar uma discussão que “diferencia-se também da educação realizada pela família, pois possibilita a discussão de diferentes pontos de vista associados à sexualidade, sem a imposição de determinados valores sobre outros.” (PCN, 1997)

É preciso ter em mente que a escola não pode suprir todas as lacunas referentes ao tema, ou seja a escola não pode e não deve ocupar o espaço que pertence à família.

Segundo Muller (2013), depois do nascimento da criança, os pais são os principais exemplos, tornando-se os primeiros e fundamentais educadores sexuais

de seus filhos. O ambiente familiar deve ser um lugar aberto, para que os filhos encorajados a conversar sobre o tema, tragam dúvidas e dilemas. Para Ribeiro (2009), é fundamental que a família seja um ambiente de discussão e de desenvolvimento, relação esta pautada por conversas, trocas de experiências e resolução de conflitos sem violência.

Dessa maneira, observamos que a família e a escola possuem um papel complementar na educação sexual das crianças.

Capítulo 2

Os PCNs e a Educação sexual

2.1 Sexualidade como um tema transversal

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), lançado pelo MEC, traz a proposta de que a educação sexual seja incluída como um dos temas transversais do ensino fundamental.

Entende-se como tema transversal aqueles conteúdos de valor formativo que perpassam as disciplinas curriculares de maneira a articular entre si conteúdos e atitudes e amplias os conhecimentos advindos dos conteúdos trabalhados a partir do conteúdo escolar (Nunes e Silva, 2006).

Assim, um pensamento crítico dos professores se faz necessário, já que este o foco neste assunto está cada vez mais latente, além de ser um tema extremamente essencial.

O PCN ressalta que é necessário:

Considerar a sexualidade como algo inerente à vida e à saúde, que se expressa no ser humano, do nascimento até a morte. Relaciona-se com o direito ao prazer e ao exercício da sexualidade com responsabilidade. Engloba as relações de gênero, o respeito a si mesmo e ao outro e à diversidade de crenças, valores e expressões culturais existentes numa sociedade democrática e pluralista. Inclui a importância da prevenção das doenças sexualmente transmissíveis/Aids e da gravidez indesejada na adolescência, entre outras questões polêmicas. Pretende contribuir para a superação de tabus e preconceitos ainda arraigados no contexto sociocultural brasileiro.

O texto ainda indica que esta abordagem pedagógica deve acontecer de forma sistemática, simples e direta, no sentido de orientar processualmente a aprendizagem e o desenvolvimento humano nos aspectos psicofísico, sociocultural, político e econômico. Os parâmetros ainda enfatizam duas formas

gerais do trabalho pedagógico no âmbito da orientação sexual: “O trabalho de Orientação Sexual, deverá, portanto, se dar de duas formas: dentro da programação, por meio de conteúdos já transversalizados nas diferentes áreas do currículo, e extra programação sempre que surgirem questões relacionadas ao tema”.

Com base no exposto, a formação do professor é essencial para que este tema seja tratado com qualidade e com a importância exigida.

Sem prejuízo, existem críticas acerca da viabilidade e a eficácia dos trabalhos em transversalidade. Para Nunes e Silva:

É comum vermos bons projetos na área social e educacional desmoronarem por falta do essencial: bases para sustentar as partes mais exigidas e fundamentais na execução do projeto proposto. Temos tido sucesso e ousadia em produzir modelos, falta-nos em alguns momentos mediações operacionais para viabilizar o planejado.

Torna-se possível, com base na citação, observar a vulnerabilidade da formação dos professores. Os mesmos autores entendem que “a realidade atual, a forma com que se organizou a proposta dos parâmetros sem a estruturação popularizada e acessível para a formação teórico-prática de professores para este trabalho, aponta para um êxito duvidoso.”

2.2 Novas abordagens pedagógicas sobre o tema sexualidade

O pesquisador Robert Bastien apresentou durante a Conferência sobre HIV/AIDS realizada em Genebra em 1998 um estudo que tinha como foco a abordagem pedagógica de professores do ensino médio quando ensinam este assunto. O desinteresse dos alunos fica evidenciado nas aulas em que esta temática é abordada diretamente. Uma das principais razões do desinteresse explicitadas pelo aluno está na forma como a discussão é organizada, privilegiando um enfoque que prevê respostas certas ou erradas. Segundo o

pesquisador, as abordagens que tiveram mais sucesso foram as que envolviam uso de testemunhos, teatros e debates em forma de mesa redonda.

Segundo o pesquisador:

Os estudantes não têm, racionalmente, outra escolha, ao discutir a questão da AIDS e do HIV com seus professores que não a de darem as respostas esperadas, ao invés de se envolverem num diálogo franco, porque o ensino está, em geral, ligado a alguma forma de avaliação. (BASTIEN apud BRITZMAN, 2007, p. 91)

Assim, fica cada vez mais evidente como a abordagem do sexualidade desde a infância é de suma importância para que a transição para a vida adulta ocorra de forma natural e sem traumas.

O capítulo seguinte trará os resultados de uma pesquisa que evidenciará a resposta de 2 professoras com o intuito de entender e analisar como enxergam e tratam a questão da sexualidade na escola, fazendo com que seja possível identificar as dificuldades que encontram ao tratar o tema sexualidade em sala de aula.

Capítulo 3

Pequisa e análise descritiva

3.1 Metodologia

Para que seja possível entender como as educadoras reagem frente a manifestações de sexualidade, foi elaborado um questionário contendo 10 perguntas (apêndice I).

- Tipo do estudo: Qualitativo
- Participantes: Participaram da pesquisa três professoras. Será preservada a identidade das pesquisadas. As respostas estão no Apêndice II deste presente trabalho.
- Instrumento: Foi aplicado um questionário contendo 10 perguntas com o objetivo de entender a compreensão e domínio do professor ao abordar o tema sexualidade.

3.2 Análise descritiva das respostas

Com base nas respostas das professoras, fica nítido a curiosidade das crianças, como cita a educadora II “entendo que as crianças estão num momento de descobertas quando estão na escola”. Por meio das entrevistas é possível perceber também que as educadoras já presenciaram várias cenas que envolvam a sexualidade já que no discurso de ambas aparecem as palavras “diversas vezes”.

É importante dar às crianças significações apropriadas das atitudes sexuais, segundo Nunes e Silva (2006), e entender a pergunta e respondê-la sempre, de forma cientificamente correta e objetiva (SILVA, 2007), é essencial para isso.

É interessante observar que duas professoras responderam à pergunta se “já foi abordado por um aluno com questões relacionadas à sexualidade” com situações ligadas à pergunta “o que é transar?”. Já a professora III citou a seguinte situação: “Crianças pequenas sempre perguntam “Porque ele tem pipi e eu não?”.

Segundo a autora Maria Cecilia Pereira da Silva, toda indagação deve ser respondida, mesmo que a resposta seja “não sei”. Ainda segundo a mesma autora, em seu texto “Características da sexualidade infantil de zero a seis” ela descreve uma situação parecida com esta e recomenda como resposta o seguinte: “não é necessário dar uma descrição completa do ato sexual, basta dizer que o pai colocou uma célula no corpo da mãe”.

No que diz respeito às situações que as professoras tenham presenciado que envolvam esse tema, foram relatados uma variedade de acontecimentos.

A professora I cita a seguinte situação: “...tenho um aluno que diz que é uma menina. Ele imita diversas cantoras pops femininas, como Anita, Jennifer Lopes (requebra, dança, afina a voz). Devido a este comportamento, ele é motivo de gafe em sala de aula. Esse aluno diversas vezes chora.”

Já a professora II, conta o seguinte caso: “...uma situação que presenciei na escola logo no início da carreira que se relaciona profundamente com a questão da sexualidade foi a de um aluno mexendo nas suas partes íntimas (com movimento parecido à masturbação) durante o recreio, fazendo com que alguns alunos ficassem curiosos com a situação.” (Professora II)

Enquanto a professora III, “...Tive uma aluna que gostava de subir na bola para massagear a parte íntima. Perguntávamos o que ela estava fazendo e ela dizia que era gostoso brincar assim” (Professora III).

Com relação ao relato da professora I, de acordo com Silva (2007), quase todas as crianças passam por fases de querer agir como o sexo oposto. Segundo as autoras Adriana Barbosa e Priscila Galvani, os educadores devem saber lidar com a questão da homossexualidade para que não sejam autores ou difusores de situações e pensamentos preconceituosos. Além disso, as autoras destacam também que é por meio da brincadeira que a criança pode experimentar diferentes papéis e por meio dela criar diferentes soluções para dificuldades cotidianas.

Já as professoras II e III relataram casos parecidos. As duas situações estão ligadas ao prazer sexual. Segundo o texto da autora Maria Cecilia Pereira da

Silva, a masturbação não pode ser vista como algo ruim, ao contrário, praticamente todas as crianças se masturbam. Ela ainda cita que diante dessa situação, podemos dizer algo do tipo: “isso é muito gostoso, mas devemos fazê-lo quando estamos sozinhos”. No entanto, segundo a mesma autora citada, aquela criança deve ser observada no decorrer dos próximos dias, pois a masturbação pode ser tornar excessiva ou excluir outras atividades, indicando assim alguma dificuldade emocional.

Nunes e Silva (2006) pontuam que a manipulação dos órgãos sexuais é algo ligado à descoberta e à exploração prazerosa do corpo. Ela não pode ser tratada como um tabu, não pode ser reprimida, mas deve ser entendida e supervisionada.

Os mesmos autores ainda enfatizam:

A manipulação obedece a impulsos biológicos e psíquicos que satisfazem as crianças e lhes proporcionam uma apropriação sensorial de seu corpo e suas potencialidades.

E ainda completam:

É uma exploração prazerosa de sensações corporais, um fenômeno universal, inconsciente, inofensivo e deve ser compreendido como uma descoberta do próprio corpo e suas sensações.

Considerações Finais

Por meio das pesquisas aplicadas é possível identificar o quanto o tema sexualidade está presente no contexto escolar. E ainda, com base nas respostas, foi possível indentificar as diferentes formas de abordagem do tema. Ficou claro e evidente que os professores devem estar preparados e capacitados para tratar sobre o tema.

As três professoras entrevistadas tem em comum o fato de nunca terem feito nenhum curso/capacitação voltado ao assunto. Como já citado, CAMARGO e RIBEIRO (1999) mencionam que a capacitação do adulto é necessária para que essa interveção ocorra de forma adequada e eficaz.

Por meio das pesquisas foi possível identificar que a professora I mostra uma postura um pouco mais superficial comparada às outras professoras. Em seu discurso ela deixa claro que a responsabilidade é muito mais da família do que da escola. Além disso, quando indagada pelo aluno sobre “o que é transar?” ela desconversa e procura distrair a criança desviando de seu foco imediato de interesse. No entanto, diante da situação que ela foi exposta (aluno vítima de deboche por imitar cantoras do sexo feminino), ela adotou uma atitude com o intuito de superar o sexismo e questionar os estereótipos, algo pontuado e elogiado por Nunes e Silva (2006), além de ter envolvido toda a turma no movimento de empatia nas outras crianças, para elas entenderem como o colega se sentia e poderem se colocar em seu lugar.

Ja a professora II e III possuem posturas mais parecidas, pois quando são expostas à situações referentes à sexualidade procuram explicar, conversar. Além disso, elas possuem um senso maior de que essa responsabilidade é compartilhada entre a escola e a família.

A relação da família e da escola no processo de formação sexual da criança é fundamental, pois a família é o primeiro contato da criança com o mundo exterior e cabe à escola o papel de ensinar e desfazer as distorções apresentadas durante durante o dia-a-dia escolar.

APÊNDICE I – MODELO DE ENTREVISTA

1. Qual a sua idade?
2. Há quanto tempo você atua com Educação Infantil?
3. Em qual ano você leciona?
4. Você já fez algum curso/capacitação voltado à área da sexualidade? Caso sim, onde?
5. Você acha que a família deve ser a única a se responsabilizar pela educação sexual da criança ou essa tarefa deve ser compartilhada?
6. Como educador, você se sente a vontade para falar e tirar dúvidas sobre o tema sexualidade com seus alunos? Por que?
7. Você já presenciou alguma situação relacionada à sexualidade em sala de aula? Conte como foi.
8. Você se sentiu preparada? Qual foi sua reação?
9. Você já foi abordado por um aluno com questões relacionadas à sexualidade? Qual foi a dúvida e sua resposta?
10. Qual o meio que você considera mais apropriado para abordar o tema sexualidade com as crianças? Favor exemplificar.

APÊNDICE II – ENTREVISTAS

Educadora I

1. Qual a sua idade?

Resposta: 45 anos

2. Há quanto tempo você atua com educação infantil?

Resposta: Há 20 anos

3. Em qual ano você leciona?

Resposta: Pré II

4. Você já fez algum curso/capacitação voltado à área da sexualidade? Caso sim, onde?

Resposta: Não

5. Você acha que a família deve ser a única a se responsabilizar pela educação sexual da criança ou essa tarefa deve ser compartilhada?

Resposta: Sinceramente acho que a maior responsável é a família. Procuro agir apenas quando sou exposta à situações.

6. Como educador, você se sente a vontade para falar e tirar dúvidas sobre o tema sexualidade com seus alunos? Por que?

Resposta: Na verdade eu procuro evitar este tipo de assunto, pois normalmente causa muito alvoroço na sala.

7. Você já presenciou alguma situação relacionada à sexualidade em sala de aula? Conte como foi.

Resposta: Sim, ao longo desses anos já presenciei diversas situações. Vou relatar a última: tenho um aluno que diz que é uma menina. Ele imita diversas cantoras pops femininas, como Anita, Jennifer Lopes (requebra, dança, afina a voz). Devido a este comportamento, ele é motivo de gafe em sala de aula. Esse aluno diversas vezes chora.

8. Você se sentiu preparada? Qual foi sua reação?

Resposta: Nessa situação sempre converso com a sala e peço para eles se colocarem no lugar do colega. Pergunto se eles gostariam que rissem da cara deles.

9. Você já foi abordado por um aluno com questões relacionadas à sexualidade? Qual foi a dúvida e sua resposta?

Resposta: Sim, diversas vezes. Já fui indagada sobre “o que é transar?”, por exemplo. Na hora desconversei, pois ele perguntou na frente de toda a turma e expliquei que o tema não era apropriado para aquele momento.

10. Qual o meio que você considera mais apropriado para abordar o tema sexualidade com as crianças? Favor exemplificar.

Resposta: Acho que não tem uma receita de bolo para isso. Depende da situação ou do contexto.

Educadora II

1. Qual a sua idade?

Resposta: 30 anos

2. Há quanto tempo você atua com educação infantil?

Resposta: Há 8 anos

3. Em qual ano você leciona?

Resposta: Pré III

4. Você já fez algum curso/capacitação voltado à área da sexualidade? Caso sim, onde?

Resposta: Não

5. Você acha que a família deve ser a única a se responsabilizar pela educação sexual da criança ou essa tarefa deve ser compartilhada?

Resposta: Acredito que a escola deve apoiar as famílias com a abordagem de educação sexual, uma vez que as crianças, muitas vezes, se sentem mais a vontade para falar desse assunto na escola, com colegas e professores, do que em casa, onde geralmente o assunto é abordado de uma maneira mais séria.

6. Como educador, você se sente a vontade para falar e tirar dúvidas sobre o tema sexualidade com seus alunos? Por que?

Resposta: Sim, pois entendo que as crianças estão num momento de descobertas quando estão na escola e, como educadora, o meu papel é de ajudá-las a entender e se aprofundar em qualquer assunto que tenham interesse, desde que essa ajuda esteja ao meu alcance.

7. Você já presenciou alguma situação relacionada à sexualidade em sala de aula? Conte como foi.

Resposta: Sim, diversas vezes. Uma situação que presenciei na escola logo no início da carreira que se relaciona profundamente com a questão da sexualidade foi a de um aluno mexendo nas suas partes íntimas (com movimento parecido à masturbação) durante o recreio, fazendo com que alguns alunos ficassem curiosos com a situação.

8. Você se sentiu preparada? Qual foi sua reação?

Resposta: Fiquei um pouco assustada com a situação, pois nunca havia presenciado nada desse tipo. Delicadamente, expliquei para ele que aquilo não era algo legal de fazer na escola e, em seguida, percebi que estava na hora de inserir a sexualidade como tema das aulas, para que as crianças entendessem o que era e que isso era algo muito íntimo..

9. Você já foi abordado por um aluno com questões relacionadas à sexualidade? Qual foi a dúvida e sua resposta?

Resposta: Sim, uma dúvida que já surgiu algumas vezes em sala de aula foi a questão da transar. Os alunos escutam a palavra em algum lugar e vem com a dúvida na sala de aula, perguntam com inocência o que significa a palavra. Eu sempre tento explicar com bastante cuidado, de uma maneira fácil para eles entenderem, tento usar um vocabulário que seja mais claro e que eles possam utilizar no dia-a-dia, caso venham a repetir essa o que ouvirem.

10. Qual o meio que você considera mais apropriado para abordar o tema sexualidade com as crianças? Favor exemplificar.

Resposta: Acredito que esse tema deva ser abordado com as crianças através de meios adequados a cada idade, sendo acessíveis e descontraídos. Uma maneira que gosto de trabalhar esse assunto é através de livros educativos ou também com uma sessão de perguntas e respostas sobre o tema.

Educadora III

1. Qual a sua idade?

Resposta: 32 anos

2. Há quanto você atua na Educação Infantil?

Resposta: 7 anos

3. Em qual ano você leciona?

Resposta: Pré I

**4. Você já fez algum curso/capacitação voltado à área da sexualidade?
Caso sim, onde?**

Resposta:Nao

**5. Você acha que a família deve ser a única a se responsabilizar pela
educação sexual da criança ou essa tarefa deve ser compartilhada?**

Resposta: A escola tem o papel de intervir no assunto quando alguma coisa relacionada acontece dentro do ambiente escolar. Dependendo do caso e idade da criança é papel do educador conversar com a família para que o trabalho seja feito em conjunto.

**6. Como educador, você se sente a vontade para falar e tirar dúvidas sobre
o tema sexualidade com seus alunos? Por que?**

Resposta: Sim. Trabalho na educação infantil e com crianças de 3 e 4 anos é simples falar. Basta tratar o assunto com naturalidade e sempre falar a verdade. As crinacas sabem quando estamos “mentindo”.

**7. Você já presenciou alguma situação relacionada à sexualidade em sala
de aula? Conte como foi.**

Resposta: Sim. Tive uma aluna que gostava de subir na bola para massagear a parte íntima. Perguntávamos o que ela estava fazendo e ela dizia que era gostoso brincar assim. Conversamos com ela dizendo que a bola era para chutar, brincar com o amigo e não daquela forma. Falamos com muita naturalidade e ela escutava, mas no outro dia fazia novamente.

8. Você se sentiu preparada? Qual foi sua reação?

Resposta: Sim. As crianças estão sempre descobrindo o corpo, o dela ou o do amigo. Minha reação sempre é de conversar, entender e explicar. Nunca de repreender ou punir.

9. Você já foi abordado por um aluno com questões relacionadas à sexualidade? Qual foi a dúvida e sua resposta?

Resposta: Sim. Crianças pequenas sempre perguntam “Porque ele tem pipi e eu não”, por exemplo. No caso explicamos dizendo que meninos são diferentes das meninas, com órgãos sexuais diferentes.

10. Qual o meio que você considera mais apropriado para abordar o tema sexualidade com as crianças? Favor exemplificar.

Resposta: Palestras com pais são sempre um ótimo caminho, pois é difícil abordar o assunto em reunião individuais. Não são todos os adultos que são abertos a escutarem sobre assunto sexual relacionado aos seus filhos, muitos não aceitam, sabem das questões, mas não querem ouvir. Isso é muito comum na educação infantil pq eles pensam que seus filhos são crianças e acham que devem ignorar o assunto.

Bibliografia

BRAGA, Eliane Rose Maio; SPIRITO, Carmem Alcaide. *Uma investigação sobre a importância da educação afetivo-sexual nas escolas*. Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, 2010

Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais : introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental*. – Brasília : MEC/SEF, 1997.

CAMARGO, Ana Maria Faccioli de. RIBEIRO, Claudia. *Sexualidade(s) e infância(s): a sexualidade como um tema transversal*. São Paulo: Moderna, 1999.

ESTEVES, Acursio. *Mídia e sexualidade na educação infantil II*. 2000. Disponível em: <<http://www.overmundo.com.br>>.

FOREST, Nilza Aparecida; WEISS, Silvio Luiz Indrusiak. *Cuidar e educar: Perspectivas para a prática pedagógica na educação infantil*. Revista Leonardo Pós. Santa Catarina. Instituto Catarinense de Pós-Graduação (ICPG), no 3, 2003.

GUIMARÃES, Isaura. *Educação Sexual na escola: mito e realidade*. Campinas: Mercado da Letras, 1995.

MULLER, L. *Educação sexual em 8 lições: como orientar da infância a adolescência: um guia para professores e pais*. São Paulo: Academia do Livro, 2013.

NUNES, César. SILVA, Edna. *A educação sexual da criança: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade*. Campinas: Autores associados, 2006.

OUTEIRAL, José Ottoni. Cap. 2 Educar nos tempos de hoje. In. SILVA, Ma. Cecília P. In. Ma. Cecília P. (Org) *Sexualidade começa na infância*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

RIBEIRO, M. *Conversando com seu filho sobre sexo*. São Paulo: Academia de Inteligência, 2009.

SILVA, Ma. Cecília P. Cap. 1 – Diálogo sobre sexualidade: da curiosidade à aprendizagem. In SILVA, Ma. Cecília P. (Org.) *Sexualidade começa na infância*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

SILVA, Ma. Cecília P. Cap. 3 – Característica da sexualidade infantil de 0 a 6 anos. In SILVA, Ma. Cecília P. (Org.) *Sexualidade começa na infância*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

WINNICOTT, D. W. *O brincar & a realidade*. Trad. J. O. A. Abreu e V. Nobre. Rio de Janeiro: Imago. 1975